

## **A CENA PRIMÁRIA E A CAÇA À BORBOLETA: UMA LEITURA DO “HOMEM DOS LOBOS”**

[publicado na Revista INSIGHT - PSICOTERAPIA - Ano IX - nº 94 - São Paulo: Lemos Editorial, - Abril de 1999, pp. 16-20.]

Márcio Mariguela

Psicanalista, professor de filosofia na UNIMEP

**"Há em tudo o nome e a coisa. O nome é a palavra que marca e significa a coisa: não faz parte dela, a ela não se incorpora; é um acessório que se acresce, por fora."**

Michel de Montaigne

A palavra é o suporte do trabalho psicanalítico. Desde os primórdios da prática clínica inaugurada por Sigmund Freud até os dias atuais, o que diferencia a clínica psicanalítica de outras práticas terapêuticas é uma determinada concepção sobre a linguagem. Na teoria freudiana, a linguagem é um instrumento utilizado pelo sujeito em sua relação com o mundo. As representações que o sujeito constrói desta relação estão alicerçadas na palavra, pois ela serve para nomear um conjunto de sensações.

Sendo a clínica freudiana estruturada na palavra, toda investigação sobre a prática terapêutica de Freud deveria necessariamente passar pela concepção de linguagem que sustenta esta determinada prática. O manuscrito de 1895, denominado "Projeto de uma psicologia" constitui-se como um texto paradigmático para tais investigações, isto porque sua construção obedece a uma hipótese sobre a palavra: para Freud ela tem a função de índice, ou seja, indica a coisas a qual se refere.

O proposto para este trabalho é realizar uma leitura do relato clínico do "Homem dos Lobos" com as posições teóricas de Freud entre 1894 a 1896. Para tanto, iremos privilegiar um aspecto que pareceu-nos percorrer todo conjunto das argumentações de Freud no caso citado: se a cena primária é produto da fantasia ou experiência real.

O relato clínico do "Homem dos Lobos" é considerado na literatura psicanalítica como um dos casos mais elaborados e mais importantes de Freud. O editor inglês da Coleção

Standard chama atenção para a extraordinária habilidade literária com que Freud expôs o caso. A capacidade retórica de Freud é exemplar neste texto. O autor procura convencer o leitor da veracidade da cena primária, pois o mesmo está convencido<sup>1</sup> que o jovem presenciou uma cópula entre os pais quando tinha um ano e meio.

O texto "História de uma Neurose Infantil" sustenta-se na teoria da sexualidade infantil, extensiva no complexo de Édipo e castração. Subtrair esta base, conforme o proposto, equivale a reconhecer nos interstícios do relato apresentado, outros elementos teóricos que não são apresentados, mas que no entanto, permanecem como pilares da argumentação de Freud. Pretendo demonstrar dois destes elementos: o primeiro diz respeito a cena primária (cópula entre os pais); o outro é o argumento que decide sobre a cena primária ser uma experiência real (a cena com Grusha).

Jacques Lacan inicia o Seminário I resgatando a questão decisiva para qualquer reflexão sobre clínica psicanalítica: o que fazia Freud efetivamente? "Freud foi realmente aquele que abria essa via da experiência. Isso, por si só, lhe dava uma óptica absolutamente particular, que é demonstrada pelo seu diálogo com o paciente. O paciente não é, para ele, sentimos isso todo o tempo, senão uma espécie de apoio, de questão, de controle no caso, na via em que ele, Freud, avança solitário"<sup>2</sup>. A clínica de Freud só pode ser apreendida por seus escritos. Neles encontra-se o relato de suas especulações sobre o funcionamento mental. A atividade psíquica é sondada através da fala de seus pacientes. O diálogo que Freud estabelecia com seus pacientes foram sistematizados, fundamentalmente através dos relatos dos casos publicados. Portanto, a reconstrução do caso clínico requer o resgate da função da palavra que já estava presente nos primórdios da experiência clínica de Freud.

Na última parte de seu relato, Freud adverte sobre as dificuldades de aplicar o mesmo aparato conceitual extraído do tratamento de adultos na descrição de uma neurose infantil. Seu objetivo com este caso, é demonstrar que a neurose da vida adulta foi precedida por uma neurose infantil. Assim, o fator infantil deverá ser pensado como elemento estruturante da neurose adulta. Para Freud, as experiências infantis são por si próprias capazes de produzir uma neurose; trata-se portanto, de argumentar a favor da neurose infantil sem os pressupostos que sustentam a compreensão da neurose na vida adulta.

O caráter de precedência da neurose infantil aponta para a seguinte obstáculo: "Na psicologia de adultos, atingimos felizmente o ponto de conseguir dividir os processos mentais

---

<sup>1</sup> Embora os concretos nos parágrafos finais do capítulo V procuram amenizar o problema da realidade da cena primária, já se enuncia o novo elemento que decidirá a favor da hipótese da cena ter sido uma experiência real.

<sup>2</sup> LACAN, J. *O Seminário - Livro I Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.24.

em conscientes e inconscientes e de estarmos aptos a dar uma descrição clara de ambos. Com as crianças, essa distinção deixa-nos totalmente desamparados". Por que não é possível traçar a distinção entre consciente e inconsciente? A resposta é apresentada nos seguintes termos: "Nas crianças, o consciente não adquiriu ainda todas as suas características; está ainda em processo de desenvolvimento e ainda não possui plenamente a capacidade de transpor-se para imagens verbais"<sup>3</sup>. Podemos assim, extrair destas citações, que na criança não existe ainda a distinção entre processo primário e processo secundário. Como pode haver neurose infantil se o processo secundário ainda não foi capaz de cumprir sua função?; ou em outros termos, se não existe ainda a capacidade de representação verbal para o conjunto de sensações, qual a incidência da repressão às atividades primárias?

Creemos que um dos pilares que sustentam a argumentação de Freud pode ser depreendida de suas posições teóricas no período de elaboração do "Projeto de uma psicologia" em 1895. Nele encontramos a tese de que o sonho é a presença do processo primário no interior do eu. Desta forma, o sonho possibilita a investigação sobre o conteúdo retroativo dos sintomas. Das descrições manifestas dos sintomas à seus conteúdos representativos, Freud percorre a história de seu paciente através dos caminhos de eliminação da excitação visual que a cena primária provocou.

Os sintomas do jovem de 23 anos, que adoecera aos 18 anos após uma gonorréia infecciosa, são interpretados por Freud a partir do material mnêmico advindo do relato de um sonho tido com 4 anos de idade. Este sonho apresentava à Freud todos os elementos para certificar a hipótese de que o processo secundário repete o processo primário, isto porque, o processo secundário não pode alterar os caminhos de eliminação percorridos.

Ao recordar o sonho com os lobos, o jovem forneceu a Freud a estrutura para chegar a hipótese da cena primária. Além do caráter regressivo da lembrança do sonho, esta suposto que também ele (o sonho) indica um caráter regressivo; isto levou Freud até a idade de um ano e meio de seu paciente, quando presenciou a cena da cópula dos pais. A criança estava em estado de sono, acorda e vê o coito a tergo, more ferarum dos pais. Esta cena imprime (pela visão) uma imagem de potência excitatória. Todos os acontecimentos subsequentes na vida desta criança, portará as marcas deste quantum de excitação sem nome.

Para Freud, pensar é reconhecer, ou seja, o pensamento percorre as vias de eliminação do processo primário. Fundado na hipótese de que sonhar é outra maneira de lembrar, Freud irá construir a cena primária do Homem dos Lobos com os elementos nominativos do relato

---

<sup>3</sup> Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, volume XVII, Rio de Janeiro:Imago, 3ª Edição, 1990, p.132. (doravante designada como ESB)

do sonho. A recordação da cena primária é possível pela associação que se estabelece entre os elementos latentes no sonho e a construção manifesta do relato do sonho.

A nota 393 de sua tradução do "Projeto...", Gabbi Jr., apresenta um argumento importante para esclarecer o procedimento adotado por Freud para justificar a cena primária: "Talvez possamos pressentir que Freud deu início a uma tentativa de considerar que, tanto na escolha da representação que vai ser alucinada no sonho como na seleção da representação que servirá de símbolo na compulsão, haveria, em última análise, uma relação entre palavra, imagem e sensação corporal"<sup>4</sup>. Pareceu-nos que é esta relação que possibilita compreender a construção do relato do "Homem dos Lobos", feito por Freud vinte anos depois de escrever o "Projeto".

O paciente relata o sonho através de imagens que denotam uma sensação corporal. Descobrir o núcleo desta sensação corporal é a tarefa que Freud se impôs na apresentação do caso clínico. Este núcleo é a cena primária.

Freud é cauteloso em afirmar que o trabalho analítico não visa recordar a cena primária, mas sim construí-la. Isto significa que o paciente não recorda a cena primária, ela é construída através da interpretação do sonho com os lobos, pois no sonho ocorre o mesmo processo identificado nos sintomas. Seu conteúdo indica os caminhos de eliminação, pois tanto a criança como o adulto, só podem produzir fantasias de material adquirido, ou seja, Freud nunca abriu mão do substrato material (sensações corporais) das fantasias.

Com isto Freud começa afastar-se das opiniões contrárias (Jung e Adler, seus inimigos de batalha teórica em defesa da teoria da sexualidade infantil) de que a cena primária são fantasias regressivas. A fantasia só é possível por um conjunto de sensações corporais. Há para Freud, uma base que representa a possibilidade de fantasiar e alucinar.

O problema da credibilidade da cena primária está resolvido por seu pressuposto lógico: ela é construída através do material onírico. Trata-se portanto de reconhecer os caminhos de eliminação que o sonho indica. Freud resume o problema em três pontos: "se uma criança na tenra idade de um ano e meio poderia estar em posição de absorver a percepção de um processo tão complicado e preservá-la tão acuradamente em seu inconsciente; em segundo lugar, se é possível, aos quatro anos de idade, que uma revisão transferida das impressões assim recebidas penetre no entendimento; e, finalmente, se qualquer procedimento poderia trazer para a consciência, coerente e convincentemente, os detalhes de uma cena dessa natureza, experimentada e compreendida em tais

---

<sup>4</sup> FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, tradução e notas de Osmyr Faria Gabbi Jr., Rio de Janeiro:Imago, 1990, pp.199.

circunstâncias"<sup>5</sup>. Embora Freud solicite um crédito do leitor, ou seja, que adote "uma convicção provisória da realidade da cena", pode-se deduzir que os três pontos acima serão respondidos de forma afirmativa. Não iremos acompanhar as respostas de Freud no relato do Homem dos Lobos, pois sabemos que irão desembocar na sexualidade infantil e castração. Dentro do limite da tarefa aqui desenvolvida, iremos recorrer a dois textos do período de estruturação do "Projeto".

No artigo "As neuropsicoses de defesa" de 1894, Freud afirma que "a tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como non-arrivé, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado a representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados"<sup>6</sup>. Para Freud somente as sensações sexuais podem produzir neurose, logo a representação incompatível só pode ser de natureza sexual. São portanto as sensações sexuais que não podem ser erradicadas; elas permanecem como substrato de todo processo primário que farão sua irrupção no eu através dos sintomas e dos sonhos.

Ainda no texto de 1894, Freud fornece um exemplo que pode perfeitamente ser aplicado ao "Homem dos Lobos": "a angústia liberada cuja origem sexual não deva ser lembrada pelo paciente irá apoderar-se das fobias primárias comuns da espécie humana, relacionadas com animais, tempestades, escuridão, e assim por diante, ou de coisas inequivocamente associadas, de um modo ou de outro, com o que é sexual -tais como a micção, a defecação ou, de um modo geral, a sujeira e o contágio"<sup>7</sup>. As representações sexuais recalcadas produzem seus efeitos nos sintomas e no sonho. Procurando defender-se das representações incompatíveis, o eu é incapaz de assegurar sua função essencial: inibir o processo primário. Esta dada assim, as condições necessárias para a construção da cena primária: ela foi vivenciada pelo sujeito e deixou suas marcas indeléveis nas formações substitutivas: sonhos e sintomas.

Dois anos depois, no artigo "Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa", Freud é mais enfático ao abordar o papel preponderante das impressões sexuais da infância. Para o autor, "todas as experiências e excitações que, no período posterior à puberdade, preparam o caminho ou precipitam a eclosão da histeria, só surtem esse efeito, como pode demonstrar, por despertarem o traço mnêmico desses traumas de infância, que não se tornam conscientes de imediato, mas levam a uma descarga de afeto e ao

---

<sup>5</sup> ESB, XVII, p.55.

<sup>6</sup> ESB, III, p.56.

<sup>7</sup> ESB, III, p.61.

recalcamento”<sup>8</sup>. O retorno do recalcado mostrou a Freud que as experiências sexuais na infância (violação ou investidas sexuais, testemunho dos atos sexuais de outras pessoas ou o recebimento de informações sobre os processo sexuais) constituem-se como núcleo de impressões corporais para as quais não há ainda uma representação adequada. Ou seja, as experiências sexuais não são ainda reconhecidas como tais.

Após concluir que o lobo do sonho poderia ser um substituto do pai, Freud avança no trabalho de interpretação para identificar o desejo que presentifica-se no conteúdo latente. O ponto nevrálgico está na transposição do conteúdo manifesto: “ele acordara e vira alguma coisa. O olhar atento, que no sonho fora atribuído aos lobos, deveria, antes, ser atribuído a ele”<sup>9</sup>. Qual o desejo envolvido na formação do sonho? A situação do garoto aos 4 anos apontava para o desejo de obter satisfação sexual com o pai. “A força desse desejo tornou possível reviver um vestígio, há muito esquecido na sua memória, de uma cena capaz de mostrar-lhe como era a satisfação sexual obtida do pai; e o resultado foi o terror, o horror da realização do desejo, a repressão do impulso que se havia manifestado mediante o desejo”<sup>10</sup>.

Se o sonho realiza desejos, este só pode ser de natureza sexual. Desta forma, o argumento da cena primária será decidido por uma cena que Freud parece guardar até o final do jogo: a cena com Grusha. Tal cena explica as condições que governaram a escolha objetal do paciente: nádegas grandes e proeminentes.

Aqui podemos apresentar a título de conclusão, o argumento que decide sobre a cena primária ser uma vivência real. Trata-se do sintoma de angústia que remete o paciente a uma situação em que caçava uma grande borboleta com asas listradas de amarelo. De repente, foi tomado por um terrível medo da criatura e, aos gritos, desistiu da caça. Da borboleta, com suas asas abrindo e fechando, à Grusha foi um salto: por trás da lembrança encobridora da caça à borboleta, estava oculta a lembrança com a mãe. A posição em que se encontrava Grusha, ajoelhada no chão, atualizava a posição da mãe na cena primária. O evento com Matrona, a jovem camponesa por quem o paciente teve uma súbita paixão, apenas corrobora a visão da cena primária.

Desta forma, conclui Freud, “a ação do menino de dois anos e meio na cena com Grusha era o primeiro efeito da cena primária que chegara ao nosso conhecimento”<sup>11</sup> (ESB XVII, p.119). Neste ponto, o autor faz questão de insistir que a cena com Grusha é a lembrança mais primária do paciente, anterior ao sonho com os lobos; e tal cena foi

---

<sup>8</sup> ESB, III, p.166.

<sup>9</sup> ESB, XVII, p.51.

<sup>10</sup> ESB, XVII, p.52.

<sup>11</sup> ESB, XVII, p.119.

rememorada com os materiais oriundos do medo da borboleta. Se a cena primária é uma construção possível na clínica psicanalítica, o pressuposto desta construção está dado pela posição que Freud manteve desde os primórdios: a base material do funcionamento psíquico.

#### Referencias Bibliográficas

GABBI Jr., Osmyr F. *Freud - racionalidade, sentido e referência*, Coleção CLE, Campinas:Unicamp, 1994.

LACAN, Jacques *O Seminário - Livro I Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

*Correspondência Completa de S.Freud para W.Fliess (1887-1904)*, Editado por J.M.Masson, Rio de Janeiro:Imago, 1986.